

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

CORREIA, Angelo Pio Mendes. *Angelo Pio Mendes Correia (depoimento, 1989)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1991. 17 p. dat.

ANGELO PIO MENDES CORREIA
(depoimento, 1989)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática
entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias
levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias
pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias
sumário: Ignez Cordeiro de Farias
conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias
copidesque: Ignez Cordeiro de Farias
técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes
local: São Paulo - SP - Brasil
data: 21/11/1989
duração: 1h 40min
fitas cassete: 02
páginas: 17

Entrevista realizada no contexto da pesquisa "Trajetória e desempenho das elites políticas brasileiras", parte integrante do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC, em vigência desde a sua criação em 1975.

A entrevista foi dificultada pela idade avançada do entrevistado.

temas: Ângelo Pio Mendes Correia, Partido Democrático de São Paulo, Revolução Constitucionalista (1932), Revolução de 1930.

Sumário

Entrevista: 21.11.1989

Origem familiar; início da vida profissional e ingresso na política (Rio de Janeiro); crise política e o levante de 1922; transferência para Itu, São Paulo e a fundação do Partido Democrático; ligação com os tenentes e a revolução de 1924 em São Paulo; conspiração para a Revolução de 1930; a Revolução de 1930 em Minas Gerais; nomeação de João Alberto Lins e Barros para interventor em São Paulo; como legalista na Revolução de 1932; nos presídios da Imigração e Paraíso em São Paulo (1932); vida familiar e profissional após a Revolução de 1932.

Entrevista: 21.11.1989

I.F. - Eu gostaria de começar nossa conversa tomando umas informações sobre sua família, sua vida e suas recordações mais antigas. Por exemplo, como se chamavam seu pai e sua mãe? De onde eles eram?

A.C. - Meu nome todo é Ângelo Pio Mendes Correia.

I.F. - Ah, é Pio também. Pio é nome de família, então?

A.C. - O meu pai Manoel Pio Correia, era botânico, minha mãe era Maria do Céu Mendes de Almeida.

I.F. - Do Maranhão?

A.C. - Não. Mendes de Almeida é de origem portuguesa. São dois irmãos: um foi para o Maranhão e o outro veio para São Paulo. Os dois se matricularam na Faculdade de Direito daqui de São Paulo e se formaram advogados. Um deles voltou para o Maranhão e se radicou no Rio, onde acabou sendo dono do Jornal do Brasil. E o outro irmão, João Mendes de Almeida, passou a advogar em São Paulo. Era chefe do Partido Conservador, no tempo da Monarquia. Era monárquico e morreu monárquico. Ele se projetou muito como especialista em direito civil, de tal forma que, quando houve uma vaga no Supremo Tribunal, foi nomeado ministro mas não aceitou, porque era monarquista.

Minha mãe era portuguesa. Casou em Portugal com meu pai, Manoel Pio Correia.

Meu pai veio com minha mãe para o Brasil, onde eles foram morar na casa dos Mendes de Almeida. A casa existe até hoje na praça central daqui, a praça João Mendes. A vida em comum não era muito calma e eles acabaram se desquitando. Como o casamento foi em Portugal, lá havia o divórcio avínculo. Acontece que minha mãe...

Eu nasci aqui, na praça João Mendes, e minha mãe casou em segundas núpcias aqui. Meu padrasto era João Batista Cardoso, um dos fundadores da Martinelli. Com o falecimento de minha mãe, tornei-me fazendeiro...

I.F. - O senhor ficou morando com a sua mãe, então.

A.C. - Eu fiquei com minha mãe. Ela administrava as três fazendas que tinha aqui em Itu. Juntas, elas formavam 1.116 alqueires.

I.F. - Eram fazendas de café?

A.C. - Sim. Eu fui para o Rio de Janeiro, onde estava matriculado na Faculdade de Direito, e passei a trabalhar no Correio da Manhã, que era o melhor jornal de lá.

I.F. - E como ficaram as fazendas com sua saída? Quem ficou administrando?

A.C. - Minha mãe. Ela possuía um dom especial para comércio. Não só tinha fazendas como adquiriu muitos bens. Quando ela faleceu é que eu acordei para o fato de que tinha que mudar de profissão. Então, vim do Rio. No Rio, me envolvi na política, porque houve a sucessão de Epitácio Pessoa. Epitácio, como você sabe, foi eleito para um mandato curto, porque o presidente da

República, Afonso Pena,¹ faleceu durante o mandato, sendo substituído pelo Nilo Peçanha. Nilo Peçanha completou o período do Afonso Pena. Depois dele, foi presidente da República o paraibano Epiácio Pessoa.

Quando Epiácio Pessoa pensou na sua sucessão, eu já estava na política porque acompanhava a corrente do Correio da Manhã, que era de oposição. Em 1922, surgiu uma campanha contra a candidatura oficial, que era a do Artur Bernardes, e o Correio da Manhã publicou umas cartas, que eu julgo legítimas, contra o Bernardes. E houve, então, uma ebulição militar muito séria. O Clube Militar, presidido por Hermes da Fonseca, ex-presidente da República, tomou as dores do pessoal do Exército. Houve vários debates militares.

I.F. - E o senhor acompanhava todos esses debates lá no clube?

A.C. - Eu acompanhei tudo. Acontece que o Forte de Copacabana levantou-se, sob o comando do Eduardo Gomes, naquele tempo um tenente.

I.F. - Exatamente. Siqueira Campos, também...

A.C. - Eu tinha muito contato com o Siqueira Campos, que também tomou parte no levante do Forte de Copacabana. Aquele pessoal do Exército não se conformava com a derrota, porque tinha programado uma revolução e, no fim, houve levantes parciais. A escola do Realengo se levantou também, mas seu levante foi abafado logo. Então vim para São Paulo.

I.F. - Como é que o senhor, estudante de direito, trabalhando em jornal, tinha relações com militares, como Eduardo Gomes, Siqueira Campos, e todos esses?

A.C. - Naquela campanha que houve, o Correio da Manhã tomou uma posição muito definida, apoiando os militares, e eu acompanhei essa orientação.

I.F. - E aí fez contato com eles?

A.C.- Fiz contatos, principalmente com o Siqueira Campos e o Prado, um tenente daqui de São Paulo, e continuei em contato com eles. Quando vim para São Paulo, o Siqueira, que tinha sido ferido no Rio, me disse: "Nós vamos levantar São Paulo."

I.F. - Quer dizer que o senhor continuava conspirando com eles?

A.C. - Claro. Eu estava sempre em contato com eles. Eu vim para Itu e fui um dos fundadores do Partido Democrático. O Partido Democrático era um movimento de oposição ao ambíguo perrepsismo...

I.F. - Exato.

A.C. - Um dia, o Siqueira foi, num carro velho, me buscar em Itu. Ele me levou numa reunião, numa conspiração que havia aqui, numa daquelas ruas perto da Estação da Luz, e me apresentou ao Miguel Costa, que era o elemento de maior prestígio na Força Pública de São Paulo. Eu tomei parte

¹ Em 1 de março de 1918 foram eleitos para presidente e vice-presidente da República, respectivamente, Francisco de Paula Rodrigues Alves e Delfim Moreira da Costa Ribeiro. Enfermo, Rodrigues Alves não tomou posse, tendo assumido o cargo interinamente o vice-presidente eleito. Com a morte de Rodrigues Alves, houve nova eleição, visto que não haviam decorridos dois anos de governo. O presidente eleito foi Epiácio Pessoa, que governou de 1919 a 1922.

numa reunião e, depois, fui incumbido de entrar em contato com o 4º RAM, Regimento de Artilharia Montada, sediado em Itu. Então, daí em diante, passei a receber na minha casa muitos oficiais que já estavam ligados com a revolução. Fui posto ao par aqui, pelo Miguel Costa, de que ele tinha a maioria da Força Pública na mão e de que o regimento de Jundiaí, que era de artilharia, Quitauana... Havia três regimentos e num deles o 1º de Infantaria, todo mundo tinha aderido. Quando chegou a revolução, 5 de outubro de 24...

I.F. - 5 de julho, não é?

A.C. - Em 5 de julho de 24, houve o levante e eu vim com o regimento de Itu, vestido de capitão. [risos]

I.F. - E como é que foi organizar armas e munição para esse levante?

A.C. - A guarnição federal, que era aqui a maioria se integrou ao levante. Aí veio a revolução. São Paulo levantou-se em 5 de julho e eu vim com um corpo de artilharia que era comandado pelo Joaquim Távora, um irmão do...

I.F. - Juarez Távora.

A.C. - É. Ele tinha um prestígio enorme no Exército. Era muito respeitado. Eu fiquei, então, com o Joaquim Távora. Havia um regimento de infantaria da Força Pública que não tinha aderido. O quartel era na rua Vergueiro. Então, o Joaquim me disse: "Hoje, eu vou tomar conta do regimento. Queira ou não queira, vou obrigar o regimento a aderir." Eu fui com ele. Quando chegamos na rua Vergueiro, os legalistas formaram uma trincheira perto do quartel. Com metralhadoras, não nos deixaram aproximar e o Joaquim Távora foi ferido mortalmente.

I.F. - Ele morreu em consequência disso.

A.C. - Quando a revolução acabou, em 28 de julho...

I.F. - Quando o movimento acabou aqui em São Paulo, não é?

A.C. - Acabou em São Paulo porque as tropas legalistas que vieram para o vale do Paraíba e se localizaram aqui na Penha forçaram a retirada. Uma tropa legalista comandada por aquele... pelo Dutra...

I.F. - Djalma Dutra?

A.C. - Não. Aquele que foi presidente da República depois.

I.F. - Eurico Gaspar Dutra.

A.C. - É.

I.F. - Djalma Dutra era revolucionário.

A.C. - O Eurico Gaspar Dutra estava do lado da legalidade. Ele comandava uma coluna que veio por Itabira.

Então, tomei parte numa reunião aqui no quartel-general, presidida pelo general da reserva Isidoro Dias Lopes, que era exatamente quem comandava o levante de São Paulo. O Isidoro expôs

claramente a situação: "Nós estamos ameaçados. Se o Dutra (que era o Eurico) tomar Campinas, nós estamos bloqueados, não podemos mais sair daqui." Então, houve a idéia de abandonar São Paulo e aproveitar as linhas da Paulista, que ainda estavam abertas, e fomos parar em Guaíra, pelo Paraná.

I.F. - Exato. E o senhor foi junto?

A.C. - Eu fui junto.

I.F. - O senhor era bem revolucionário mesmo! [risos] E estava no posto de major? [risos]

A.C. - Houve um inquérito, presidido pelo delegado Laudelino de Abreu. A família Mendes de Almeida é toda de advogados e o meu padrinho, Ângelo, que me criou, me defendeu e conseguiu me excluir do inquérito. Eu fui impronunciado, porque me escondi nas trincheiras aqui na rua Visconde de Parnaíba, junto com um sargento da força pública que, por sinal, era preto, e o sargento, instruído pelos meus parentes, me desenhou alto e moreno. [risos] O juiz Oto de Oliveira [inaudível] disse: "Quanto ao indiciado Ângelo Pio, há contradições sérias. O subcomandante das trincheiras da rua Visconde de Parnaíba (que era o sargento, um negrão), comandadas por ele (porque eu era o comandante), descreve-o como uma pessoa completamente diferente." Então, o juiz me impronunciou.

Eu fiquei em Itu. Fundou-se o Partido Democrático, cujo chefe era o Eduardo Prado² e eu comecei a fazer política. Eu era presidente do partido em Itu e dominava aqueles municípios vizinhos: Indaiatuba, Salto, até Campinas. Eu era quem sustentava o partido. Aqui vai começar a história. Houve aquele pleito em 1 de março de 1930.

I.F. - Como?

A.C. - Houve a campanha política de 30. O Sul e a Paraíba levantaram aquela chapa - Getúlio e João Pessoa - e eu me entrosei na campanha, sempre muito ligado aos militares. Naquele tempo, o único transporte para o Sul era praticamente o trem. Havia uns hidroaviões da Condor que também faziam a linha. Quando houve aquela fraude descabelada de 1 de março, em que foi eleito o Júlio Prestes, a coisa começou a ferver aqui. Começou-se a conspirar, e eu fui posto em contato, mesmo, com a situação. Vieram a São Paulo alguns próceres - o Luzardo e o Osvaldo Aranha - que me procuraram. Já havia o preparo da Revolução de 30 e todo mundo sabia que São Paulo, oficialmente, iria se opor. As tropas gaúchas, que se supunha que subiriam para cá, iriam encontrar resistência aqui em São Paulo, principalmente em Itararé. Então Osvaldo Aranha me procurou e disse: "A revolução é inevitável. Em julho ou agosto de 30 estoura revolução". Então, fui levado para Belo Horizonte, onde entrei em contato com o Cristiano Machado, que era secretário...

I.F. - ...de Segurança.

A.C. - ...do Antônio Carlos, e lá me encontrei com o Cordeiro de Farias...

I.F. - ...que também estava conspirando lá.

A.C. - Ele estava conspirando. Eram o Cordeiro, o Falconière da Cunha e...

I.F. - Nelson de Melo também estava lá?

² Trata-se de Antônio da Silva Prado.

A.C. - Sim, eu o conheci muito.

Eles não conseguiam a adesão do 12^o de Infantaria, localizado em Belo Horizonte. Enquanto isso, aqui, começou-se a cogitar quem comandaria a revolução.

I.F. - É. Esse era um problema que eles estavam discutindo.

A.C. - E eu e uma porção de... queríamos que o comandante fosse o Prestes.

I.F. - Ele estava na Argentina, não é?

A.C. - Estava em Buenos Aires. Ninguém se lembrava de Góis Monteiro, que surgiu depois, exatamente porque o Prestes não quis aceitar o comando, porque já era um comunista declarado. Então, nós recebemos a notícia de que o Prestes era inviável, pois se recusava comandar uma revolução burguesa.

I.F. - O senhor chegou a ir a Buenos Aires e ter contato com ele?

A.C. - Fui. Resolveu-se ir a Buenos Aires para convencer o Prestes. Ele tinha um prestígio enorme, não só como nome nacional, mas também como ótimo chefe do Estado-Maior. A Coluna Prestes foi realmente uma coisa... Então, eu fui com o João Alberto e o Siqueira Campos...

Ah, eu esqueci de contar que minha fazenda em Itu era trânsito forçado para todo o pessoal que ia para o Sul. Então, daí em diante, todo revolucionário que ia para o Sul passava na minha fazenda e dormia lá; ficava um dia ou dois e depois ia embora.

I.F. - E com isso o senhor ia conversando e sabendo de tudo.

A.C. - Ah, eu sabia tudo.

Então, resolveu-se ir a Buenos Aires para convencer o Prestes a mudar de posição. E fui eu com o João Alberto. O Prestes tinha um escritório comercial que importava café daqui e vendia em Buenos Aires. O Prestes me recebeu muito bem, muito gentilmente. No primeiro dia, não falamos em política. No segundo dia, falamos. Ele disse positivamente... Ele era muito amigo do João Alberto. O João Alberto e o Siqueira Campos comandaram dois dos cinco destacamentos da Coluna Prestes: do João Alberto, do Siqueira Campos, do Djalma Dutra, do Cordeiro de Farias e... (falta um ainda).

Pela primeira vez, ouvi falar em Góis Monteiro, que já tinha sido consultado e aceitaria o comando das tropas revolucionárias. Então, vim para cá. Tomamos um avião... Aliás, primeiro, eu tomei um hidroavião da Condor. Só havia um lugar, eu vim nele e o Siqueira e o João Alberto tomaram lugar no avião seguinte. Esse avião...

I.F. - ...caiu.

A.C. - Caiu perto de Montevideú. Deu-se uma coisa engraçada....

I.F. - O senhor correu o risco de estar naquele acidente também, hein?

A.C. - Eu vim no avião antes, porque só havia um lugar.

I.F. - Se não houvesse, o senhor talvez tivesse ficado com eles?

A.C. - Deu-se uma coisa interessante. O João Alberto não sabia nadar. O Siqueira era um ótimo nadador. O Siqueira morreu e o outro salvou-se.

I.F. - É. São coisas da vida, não é?

A.C. - É.

Vim para São Paulo. E ficou resolvido que o Djalma Dutra iria comandar o sul de Minas. Então, o que é que fiz? Eu vim antes, arranjei um automóvel, que era de minha propriedade e tinha ficado em Curitiba, e fui buscar o Djalma Dutra [inaudível]. Chegamos aqui em Ribeirão Claro, de onde eu e o Djalma Dutra fomos até Piraju, São Paulo. De lá, eu mandei buscar o carro. Quem guiava era o Nelson Tabajara de Oliveira, o China, que era sargento do Nelson de Melo, quando o Nelson de Melo levantou o Quitauína.

[FINAL DA FITA 1-A]

A.C. - Então, eu levei o Djalma Dutra para a minha fazenda, onde ele ficou três dias. No segundo dia, ele estava com 39,5º de febre. Fui buscar um médico amigo meu, Carlos Prado, que disse: "O que ele está é com maleita."

I.F. - Resultado da Coluna Prestes, ainda.

A.C. - É. No terceiro dia, o Djalma Dutra estava muito nervoso e disse: "Eu vou embora. De qualquer jeito, eu vou embora. Não fico aqui." Então, ficou resolvido que ele iria para Guaxupé.

Naquela minha ida anterior a Belo Horizonte, o Cristiano Machado, que era o elemento mais ativo e fazia parte do gabinete do Antonio Carlos, e o Mário Brant, que era outro secretário, se reuniram comigo no hotel e me incumbiram de percorrer todos os municípios da fronteira com São Paulo para preparar os espíritos e conseguir algum armamento. A dificuldade era o armamento, que não existia. Então, eu vim de Belo Horizonte com umas cartas para os prefeitos de São Sebastião do Paraíso, Mogibelo, Guaranésia Guaxupé e outras cidades mais ao sul. Até se deu uma coisa muito cômica. Eu levava cartas assinadas por Cristiano Machado em que apelava para os prefeitos se prepararem porque a revolução era inevitável. Então, ele pedia que eles passassem a adquirir armamentos, nem que fossem Winchester, nas cidades fronteiriças e se preparassem para o movimento revolucionário. De todos os lugares, onde eu encontrei mais boa-vontade foi com o prefeito de Guaxupé. Chamava-se Francisco Lessa. Então, como o Djalma ia comandar essa frente toda, achamos melhor localizá-lo em Guaxupé, onde tomamos um quarto no hotel Cobra...

I.F. - Hotel Cobra?! [riso]

A.C. - É. E ele ficou lá, esperando o movimento. Eu recebi um recado do Mário Brant, de que a revolução não seria mais em agosto; tinha sido adiada para setembro ou outubro. Então, vim para Itu, e o Djalma ficou lá em Guaxupé.

Em outubro, eu fui avisado pelo Osvaldo Aranha, que tinha um código, que a revolução rebentaria no dia seguinte. Foi 3 de outubro. Então, eu resolvi ir para Belo Horizonte, onde me encontrei com o Cordeiro e com o coronel que comandou a revolução lá. Era Arquimedes... Não lembro o nome dele. Todas as guarnições federais, à exceção do Doze, aderiram lá em Minas.

I.F. - Ele resistiu bastante, não foi?

A.C. - Resistiu. E também Três Corações resistiu.

I.F. - Quanto tempo levava uma viagem de Itu para Belo Horizonte naquela época?

A.C. - Eu fui de trem.

I.F. - De trem? Mas devia levar quase um dia, não é?

A.C. - É. Fazia-se baldeação em Cruzeiro, para o ramal que ia para Belo Horizonte.

Depois de Belo Horizonte, eles me trouxeram... Quando caiu o Doze... O Cordeiro de Farias cortou a água, a luz, tudo do Doze.

I.F. - Eles ficaram ilhados lá.

A.C. - Ficaram ilhados. Então, resolvi ir para Guaxupé. O Cristiano me arranhou um carro, fui para Alfenas, onde dormi, e, no dia seguinte, fui para Guaxupé. Quando cheguei em Guaxupé, o Djalma estava em Três Corações e eu fui me encontrar com ele. Em Três Corações, toda a oficialidade queria aderir, menos um major. Esse major depois chegou a ministro da Guerra no tempo do Getúlio. O Getúlio tinha o costume de agradar muito ao pessoal adversário, mais que aos amigos [risos]. O Djalma Dutra só tinha a tropa irregular, estava comandando paisanos mal-armados e a Força Pública de Minas. Então, ele conseguiu isolar o quartel, que ficava perto da estrada de ferro. Ele mesmo deu a ordem aos nossos sentinelas de atirarem se pedissem a senha e não... O Djalma Dutra veio pelos trilhos da estrada de ferro, chegou lá, a sentinela pediu a senha e ele estava tão perturbado que esqueceu. Aí, a sentinela atirou e a bala pegou no coração do Djalma Dutra.

I.F. - Foi um acidente estúpido, não é?

A.C. - É. O regimento, no dia seguinte, caiu mesmo: se entregou. Mas aí a revolução venceu em 24 de outubro. O Getúlio tomou posse no governo e nomeou João Alberto para interventor em São Paulo e o João Alberto me chamou.

I.F. - Eu queria interrompê-lo para conversarmos um pouquinho sobre o Partido Democrático que o senhor fundou. Quem eram seus companheiros no partido quando o senhor o organizou?

A.C. - Quem organizou o partido foi o Eduardo Prado³, que tinha muito prestígio. Todos, à exceção de dois, foram professores aqui da Faculdade de Direito. Entraram no partido os melhores advogados daqui. Marrey Júnior, por exemplo, entrou no partido. Mas a fundação foi simples, foi feita na chácara do Eduardo Prado⁴, aqui em Higienópolis, e os que compareceram estavam todos de acordo em fundar o partido. Não houve oposição, não houve nada.

I.F. - O senhor me disse que eram muitos advogados. O senhor também estudou direito, embora no Rio, e teve contato com esses políticos. Aqui em São Paulo, parece que havia uma organização chamada Bucha, que teve muita influência.

A.C. - Chamava-se Buchenschaft. Isso foi na Faculdade de Direito. Era uma entidade secreta, que tinha um fundo fascista e os professores aqui e alguns alunos faziam parte da Buchenschaft. Mas havia muita lenda, não era assim uma coisa... A questão é que eles perseguiram quem não estava de acordo com eles.

³ O Partido Democrático (PD) de São Paulo foi organizado pelo conselheiro Antônio da Silva Prado.

⁴ Trata-se de Antônio da Silva Prado.

I.F. - E o Partido Democrático não tinha nada a ver com a Bucha?

A.C. - Não. Acontece que muitos do Partido Democrático, como o Cerqueira e outros, eram da Buchenschaft. Mas no partido governista também havia quem fosse. Colorido político não influía nada. O Partido Democrático se integrou muito na campanha do Getúlio.

I.F. - Mas então, voltando a 30, Getúlio nomeou João Alberto para interventor, e parece que isso não foi bem aceito aqui em São Paulo.

A.C. - Não foi pelo seguinte: ele não teve muita habilidade. Começou a nomear elementos que vieram com ele. O João Alberto foi comandante de tropa. Então, ele pôs elementos gaúchos no serviço de secretariado. Quer dizer, ele começou a administrar São Paulo com gente do Sul. Isso mexeu nos brios de alguns paulistas e criou um ambiente meio hostil ao João Alberto, de tal forma...

I.F. - E qual foi a intenção do Getúlio ao escolher João Alberto?

A.C. - O estado-maior da revolução era integrado pelo Góis Monteiro e o João Alberto. Quando eles chegaram perto de São Paulo - o Getúlio também vinha - começaram a pensar, como era lógico, como seria o caso de São Paulo. Havia partidários de que se nomeasse um elemento do Partido Democrático, o que era a solução lógica. Todo o movimento de São Paulo foi feito pelo Partido Democrático.

I.F. - O dr. José Maria Whitaker era do Partido Democrático, não era?

A.C. - Era.

I.F. - O dr. Otávio Marcondes Ferraz também, não era?

A.C. - Era.

I.F. - Macedo Soares não era?

A.C. - Havia os irmãos... Até o Ulisses Guimarães também fazia parte do Partido Democrático, como elemento de pequena categoria. Então...

I.F. - Os do Partido Democrático, naturalmente, preferiam um paulista.

A.C. - É. O erro do Getúlio foi esse. Eu interferi muitas vezes, dizendo ao João Alberto que ele estava errado. Eu falava com muita franqueza com ele. Ele era muito bom. Eu me dava muito bem com ele.

I.F. - O senhor acha que isso foi um erro do Getúlio ou foi uma coisa intencional, para deixar São Paulo com um pouco menos de força política?

A.C. - Havia um perigo para o Getúlio. É que o Partido Democrático estava entrosado, desde o início, com o Partido Libertador, que era de oposição lá no Sul.

I.F. - No Rio Grande, não é?

A.C. - Fortalecer o Partido Democrático aqui significava automaticamente...

I.F. - ...fortalecer o Partido Libertador.

A.C. - Era esse o inconveniente. Essa foi, talvez, uma das razões culminantes que levaram o Getúlio a procurar o João Alberto. Mas o João Alberto ficou aí e eu fui chamado ao Rio. Eu era muito ligado ao grupo do Cordeiro de Farias. Cheguei ao Rio e soube que o Getúlio tinha resolvido afastar o João Alberto. Havia o problema da sucessão, e o João Alberto tinha resolvido nomear um civil paulista. Eu não achei a solução muito feliz, mas o Cordeiro de Farias me disse: "Está resolvido, não adianta mais. Você tem algum nome para sugerir?" Eu respondi: "Os nomes que tenho são do Partido Democrático." Ele disse: "Não. Tem que ser um apolítico, um indivíduo sem grande expressão política". E soube que estava resolvido nomear o Pedro de Toledo, que eu não conhecia.⁵ Aí, o Cordeiro me falou: "Eu vou ser o secretário de Segurança e vou nomear para comandante da Força Pública um elemento de confiança também. Já fiz até um convite aí." Não me falou quem era. Só sei que eu voltei para São Paulo e Pedro de Toledo já tinha sido nomeado. Então, eu comecei a saber por outros elementos que já havia o intuito de se fazer aqui uma revolução contra o Getúlio. Na Força Pública, certos oficiais subalternos começaram a conspirar para derrubar o Getúlio. E como a Força Pública, naquele tempo, tinha um efetivo muito baixo - se não me engano, eram três mil homens - resolveu-se elevar para dez mil o número de... E começou-se a fazer aqui o alistamento clandestino. Eu consegui bater umas chapas, arranjei um fotógrafo e fiz um relatório que entreguei ao Cordeiro.

I.F. - Qual era o nome que ele disse que já tinha escolhido para São Paulo?

A.C. - Quem?

I.F. - O Cordeiro, quando foi nomeado para a secretaria, disse que já tinha uma pessoa.

A.C. - Já tinha um elemento. Era um oficial do Exército, o Falconière da Cunha. Esse Falconière era elemento estranho a São Paulo. Na Força Pública, ele não tinha ninguém.

I.F. - Então o senhor foi trabalhar na Força Pública?

A.C. - Não. Eu estava aqui em São Paulo, acompanhando os acontecimentos. O Cordeiro me pediu: "Veja o que está se passando e nos conte." Aí, o João Alberto foi nomeado chefe de polícia no Rio. Eu fiz um relatório provando que estava em preparo um movimento revolucionário com o intuito de derrubar o Getúlio e entreguei-o ao Cordeiro de Farias, na casa dele, no Jardim Botânico. No dia seguinte, fui conversar com ele. Ele disse: "Ângelo, isso é muito sério, sabe? Eu já tenho notícia disso aqui. Eu falei com o João ontem." Ele se referia ao João Alberto. "Entreguei o relatório e o João Alberto também achou uma coisa muito séria." Ele telefonou para o João Alberto, que pediu que eu fosse lá. Eu fui falar com o João, e ele me disse: "Vamos dar um pulo no Catete." Pela primeira vez tive um contato com Getúlio. Quando cheguei lá, o Getúlio estava, com a esposa, naquele seu sofá, as perninhas pequenas um pouco no ar [riso].

⁵ O tenente João Alberto Lins de Barros foi interventor federal em São Paulo de 29 de novembro de 1930 a 24 de julho de 1931. Laudo Ferreira de Camargo exerceu a interventoria entre 27 de julho e 13 de novembro de 1931. O coronel Manuel Rabelo foi interventor de 13 de novembro de 1931 a 7 de março de 1932 e o embaixador Pedro de Toledo exerceu a interventoria entre 7 de março e 2 de outubro de 1932. Cordeiro de Farias foi chefe de polícia de outubro de 1931 a junho de 1932, voltando a assumir o cargo durante a interventoria de Valdomiro Castilho de Lima entre 6 de outubro de 1932 a 31 de janeiro de 1933.

Nesse dia, houve um movimento popular aqui em São Paulo, conhecido como 23 de maio. Esse movimento visou criar um secretariado paulista. O Pedro de Toledo concordou. Todos os secretários eram, de certa forma revolucionários em potencial. E o João Alberto estava armado. Ele tinha aqui um pessoal que o informava.

Mas, no Catete, encontrei o Getúlio completamente frio. Depois que tínhamos acabado de falar, ele disse: "Tem muita fantasia. Esse pessoal não vai fazer nada." Fiquei "chateado" com o negócio, porque eu sabia que a coisa era séria e eu era de São Paulo, minha família estava aqui e eu iria sofrer as conseqüências. Aí o Cordeiro disse: "Um conselho meu: você fica aqui com a gente até as coisas clarearem um pouco." E eu fiquei morando com o Cordeiro. Mandeí um amigo meu...

I.F. - O senhor ficou na casa do Cordeiro?

A.C. - Na casa dele, ali no Jardim Botânico.

I.F. - Na Lagoa, não é?

A.C. - É, perto da Lagoa. Isso foi em maio. Em 9 de julho, rebentou o movimento daqui. E eu, então, vim... Foi nomeado um general muito apagado para assumir a interventoria aqui. O Getúlio exonerou o Pedro de Toledo. Mas esse general era muito medroso. Ele veio comigo, no trem, e dizia: "Eu vou lá, mas não vou dar murro em ponta de faca." [risos] [inaudível]. Ao chegar aqui, ele aderiu ao movimento revolucionário. E eu fiquei encurralado. Então, quando quiseram me prender, eu fugi. Fui avisado, e fiquei na fazenda de um amigo meu, em Itaiti, perto de Indaiatuba.

Comecei a trabalhar no contramovimento. Fiquei numa posição meio [inaudível], porque era paulista. Muita gente não compreendia como é que eu não aderiria. Então, eu comecei a entrar em contato com pessoas do Exército que não tinham aderido ao movimento, entre elas o Valdomiro Pereira da Cunha, um major de cavalaria que morava em Moema, São Paulo.

Eu mandei o Nelson Tabajara ao Rio avisar ao Cordeiro que esse grupo de militares ia para Minas junto às tropas legalistas, as tropas getulistas. Eu tinha um sítio em São Miguel, aqui em São Paulo, e todo esse pessoal foi para o sítio. [inaudível] Belo Horizonte, oficiais do Exército e eu. Resolveram ir a pé até Jaguari, uma cidade mineira onde estavam localizadas as tropas do Getúlio.

Eu sei que a marcha a pé não foi brincadeira. Nós íamos só por estradas secundárias, picadas, tudo isso. O Valdomiro, que era a maior patente na coluna, teve um problema no joelho, que começou a inchar. Quando chegamos perto de Jaguari, fui partidário de seguirmos viagem até encontrarmos o quartel-general das tropas legalistas. Mas o Valdomiro apareceu com um dono de um bar, que fez um arranjo para nós dormirmos na capela do São Benedito. [riso] E eu era meio...

No caminho, encontramos um caboclo numa mula, que passou por nós. Ele ia no sentido inverso, parou a mula e começou a olhar muito para nós. Eu desconfiei do caboclo e disse para o Valdomiro: "Esse caboclo aqui é espião da polícia." As tropas constitucionistas sabiam da existência desse bloco de oficiais. Então, Valdomiro disse: "Não, nós vamos ficar aqui hoje. Estamos só a duas horas de Jaguari. Nós vamos amanhã." Coisa engraçada. Nós pusemos esteiras no chão para dormir... Até ali nós dormíamos no mato. Quando havia uma corrente de água próxima, às quatro e meia, cinco horas, nós acompanhávamos. [inaudível]

E havia a capela de São Benedito. Em qualquer lugar que estávamos, o São Benedito estava olhando para nós [risos]. Saíamos daqui e íamos para lá, e o São Benedito com o olho em cima de nós. Então, o pessoal cismou de ir embora. Às cinco horas da manhã, eu me levantei para fazer café. Quando saímos da capela, já havia soldados da Força Pública de São Paulo cercando tudo. Eu chamei o Valdomiro e disse: "Valdomiro, eu não queria ficar aqui e estamos cercados. Em segundo lugar, ontem, eu não queria acampar aqui e você nos obrigou a acampar. Agora, você que é a maior patente aqui diga o que quer fazer." Ele foi lá falar com o tenente da Força Pública. Depois voltou e disse: "Aqui não tem remédio. Vamos entregar a rapadura" - foi essa a expressão que ele usou -

"porque não tem forma de resistir. A gente está armado de revólver e o pessoal de metralhadora." Então, nos trouxeram presos para Joanópolis. Em Joanópolis...

[FINAL DA FITA 1-B]

I.F. - O senhor disse que estava indo preso para Joanópolis. Joanópolis é em São Paulo?

A.C. - É. De Joanópolis, viemos presos aqui para São Paulo. Fui para o presídio da Imigração. Existiam três presídios em São Paulo: da Imigração, do Paraíso e da Água Funda. Eu fiquei admirado: só na Imigração, onde eu estava, havia 1.100 presos. O pessoal aqui prendia a torto e a direito. Como tinha acabado o dinheiro, os revolucionários paulistas lançaram bônus. [inaudível] Os bônus não inspiravam confiança, de forma que o pessoal do comércio se recusava a recebê-los no lugar de dinheiro. E bastava que o sujeito pusesse em dúvida a validade do bônus para ser preso. Então, na Imigração estavam presas novecentas pessoas que não queriam bônus.

I.F. - Comerciantes principalmente.

A.C. - Exato. Não tinham nada de contra-revolucionários.

I.F. - São Paulo levantou muito dinheiro para essa revolução, não foi?

A.C. - Levantou, mas não havia muita boa vontade, tanto que a maioria não aceitava esse bônus. Então, deu-se uma coisa cômica. Nessa Imigração havia uma bagunça desgraçada...

I.F. - Não esteve preso lá também o Sadi Vale Machado, que foi da Coluna Prestes?

A.C. - Esteve. O Sadi esteve comigo. Ele fez parte da Coluna.

I.F. - Exatamente. E ele, numa ocasião, me disse que esteve preso na Imigração. Não sei se foi nessa mesma época.

A.C. - É isso mesmo.

Aí, virou bagunça: tinha gente que dormia de dia e não dormia de noite. Formavam mesas de pôquer e iniciavam aquela gritaria. Devido ao meu passado, eu era muito respeitado. Então avisei: "Vamos fazer uma eleição aqui para criar uma junta governativa que vai baixar um regulamento: hora de dormir, hora de silêncio, tudo isso."

I.F. - Botou todo mundo em ordem-unida lá. [risos] E eles obedeciam?

A.C. - Quando vi, eu era o presidente da junta. [risos] Havia uma porção de gente: os soldados da Coluna, subalternos... Não havia nenhum oficial. O Sadi era o mais... Então, eu estabeleci que a hora de silêncio era às dez. Organizei minha polícia. O pessoal da Coluna recebia ordens de mim. Logo na primeira noite, havia uma bagunça, feita por esse pessoal do pôquer, que não aceitava a junta. [risos] Na hora do silêncio, o pessoal estava na mesa de pôquer e nem deu bola para... Eu fui lá falar: "Tem que desmanchar a mesa, porque é hora de silêncio."

I.F. - Acabou a festa.

A.C. - Não. Um camarada paulista, comerciante aqui do interior, disse: "O senhor é a autoridade aqui?" Respondi: "Eu sou, sim." "Então, nós vamos continuar jogando." Eu chamei o meu pessoal da Coluna, que deu uns pescoções e acabou com tudo. Todo mundo foi dormir. [riso]

I.F. - Botou ordem mesmo.

A.C. - Então, no dia seguinte, o comandante do presídio - um oficial da Força Pública - veio falar comigo. Eu disse para ele: "Nós estamos colaborando com o senhor, porque aqui, do jeito que está, até acabamos perdendo a saúde." Ele me disse: "Você vai ter muita dor de cabeça." Dali a dois dias, eu tive ordem de me aprontar, porque tinha que ir à chefatura de polícia. O chefe de polícia era Tício Martins. O pessoal não queria que eu saísse: "Não, você não vai sair." "Vou sair, sim." Vim para a chefatura, onde o Tício Martins me interrogou; "Você foi eleito o chefe do futuro levante do presídio." [risos] Eu dei risada também: "Se o senhor está tão bem informado, o que o senhor quer saber de mim? Não posso dizer mais nada. O senhor me diz uma coisa, uma brincadeira, que está tão bem informado..." Comecei a levar a coisa na ironia e ele ficou queimado comigo: "O senhor vai pagar caro. O senhor é getulista e vai pagar por todos os seus pecados." Aí, me removeu para o Paraíso, que era uma casa de família grande, com muitos quartos e, em matéria de comida, era melhor do que os outros presídios.

I.F. - Quer dizer que o senhor foi promovido [risos].

A.C. - Pois é. Eu estranhei, não é? Mas o comandante aqui era um capitão da Força Pública. Quando eu recebi o ofício que me encaminhava, eu vi que tinha alguma coisa séria: ele lia o ofício e olhava para mim [riso]. A patrulha que nos levou, que era de policiais civis, me disse: "Você se prepare, porque vai passar mal aqui." E aí começou. Fui levado para uma cela que eles chamavam de geladeira. Fiquei lá uns três dias. Eu só sabia que eram duas horas da tarde por causa da comida. Eu recebia um prato de alumínio com feijão e arroz e um pouco de carne. Então, eu acabei compreendendo que eram duas horas da tarde.

Mas o pessoal de fora... Havia um grupo de oficiais getulistas comandado pelo Mário Cordeiro, que estava no Rio, mas que mandava instruções para esse grupo. Recebi um envelope com dois mil contos de réis. E, dali a três dias, recebi a visita de dois oficiais que estavam presos no 4º - BC, junto com o ajudante-de-ordem do Klinger, que era o chefe da revolução aqui. Eles me disseram: "O Valdomiro (que era o tal) mandou dizer para você que hoje o Klinger vai entregar os pontos, vai pedir o armistício. Então você pense no que quer fazer." Aí comecei a pensar: "Armistício é uma coisa, então não vou ficar aqui. Nisso veio o tal Odescalk, que era o comandante, e me disse: "O senhor vai ficar em cima." Em cima havia os quartos bons. "Hoje é domingo, a sua família vem aqui, e o senhor precisa fazer a barba." Respondi: "Não faço barba nenhuma. Enquanto eu estiver aqui, a barba vai crescer, vai crescer..." [risos]

I.F. - O senhor já estava casado nessa ocasião?

A.C. - Já. Minha senhora ia lá. Levava frango, levava bolo. Cortavam tudo em pedaços, para ver se havia uma lima... Aí, eu fiquei meio queimado com Odescalk.

I.F. - Como é o nome dele?

A.C. - Odescalk. A família era polonesa. Nessa ocasião, o Cordeiro mandou um guarda-civil com as seguintes instruções: "A revolução não dura trinta dias. O pessoal não tem mais como resistir." Chamei um tal Pelino, que tinha sido sargento da Coluna Prestes, e o Sadi e contei: "Recebi comunicação do Valdomiro dizendo que hoje o pessoal vai entregar os pontos. Vai pedir o

armistício. E eu resolvi não ficar mais aqui." Então, disse para o Pelino. Quando for nove horas - mostrei o relógio na sala de jantar - vocês se preparam, porque eu vou sair daqui." Às nove horas, eu chamei o Odescalk: "Me diga uma coisa. O senhor sabe quem esteve aqui falando comigo?" Ele respondeu: "Ah, é o tenente tal." Perguntei: "O senhor sabe quem é esse tenente?" E ele: "É do Klinger." Continuei: "É isso mesmo. Sabe o que eles vieram me dizer? Que a revolução acabou. Então, eu quero comunicar ao senhor que não me considero mais prisioneiro. Como é que o senhor encara a situação como chefe do presídio?" [riso]

Eu chamei o Pelino: "Me dá o revólver aqui." O Pelino me deu uma Browning, que eu tenho até hoje. Odescalk disse: "Eu não posso fazer nada sem falar com o Tício". Eu disse: "Não, o senhor não vai fazer nada nem falar nada. O senhor vai sentar aqui, não vai sair daqui." Ele sentou direitinho. [riso]

I.F. - Obedeceu direitinho.

A.C. - Eu falei para ele: "Me empresta a chave do seu carro." O carro dele estava do lado de fora. Saí de lá e fui para o 4^o- BC, em Santos, onde estavam todos os oficiais do Exército presos aqui em São Paulo. O Valdomiro ficou espantado: "Como é que você está aqui?! "Eu já estou livre." Ele me disse: "Mas o que você vai fazer?" Respondi: "Eles vão pedir armistício. Como todo armistício, vai haver um prazo. Esse pessoal vai tentar resistir. A nossa função é sair daqui e criar uma bagunça em São Paulo de forma que não haja mais possibilidade de resistência." Ele disse: "É boa a sua idéia." Então, ali mesmo ele fez uns blocos de três ou quatro oficiais: um ia para cá, outro para a Força Pública... para anarquizar, criar uma desordem em São Paulo. O Valdomiro disse: "Eu tenho notícia de que Góis Monteiro está em Volta Redonda e vou para lá. Você quer ir junto comigo?" Respondi: "Vou também." Então, ele veio à Central e arranhou um trem para ir até Volta Redonda. Éramos 14 oficiais. O Góis nos recebeu muito bem. Foi uma festa. Ele disse: "A revolução em São Paulo acabou porque o coronel Herculano" - (Herculano era o comandante da Força Pública de São Paulo que tinha se revoltado) - já esteve falando comigo pelo telefone e resolveu aderir. Não vai resistir mais. Então, acabou tudo." De lá, fui para o Rio. Essa foi a segunda vez que eu encontrei o Getúlio. Fui com o Cordeiro, que tinha sido nomeado interventor no Rio Grande do Sul...

I.F. - Não. Cordeiro foi nomeado interventor no Rio Grande do Sul bem depois. Em 37 houve a queda do Flores da Cunha e assumiu o general Daltro. Só depois...

A.C. - É. Tem razão. Pois é. Eu vim com o Daltro, que ia comandar a 2^a- Região Militar. Aí, o Daltro recebeu ordens de ir para o Sul para acabar com as veleidades do Flores da Cunha...

I.F. - Isso já em 37.

A.C. - É. Acompanhei também, porque estava aqui. Então, fui com o Daltro para o Sul. Mas o Flores resolveu fugir quando viu a tropa federal.

I.F. - O senhor estava lá também nessa ocasião, em 37?

A.C. - Sim. Mas ele fugiu. O Daltro nem chegou a falar com ele. Falou com um político muito ligado ao Flores, o Paim: "Eu vim aqui e não quero matar ninguém. Mas a qualquer resistência, eu mato. Diga ao general Flores" - o Flores também era general honorário - "que comigo não adianta nada. Vim aqui para acabar com esse negócio." E foi assim mesmo. Aí, eu soube que o Flores tinha passado a fronteira para o Uruguai. Voltei para São Paulo e o Daltro ficou lá. O Daltro depois foi interventor lá.

I.F. - Do fim da revolução de São Paulo até essa questão do general Flores da Cunha, entre 32 e 37, nós ainda temos o movimento de 34, com a Constituinte e a eleição do Getúlio. Como é que o senhor estava nisso tudo?

A.C. - Eu continuei no Partido Democrático, que só desapareceu com o decreto do Getúlio dissolvendo os partidos em geral.⁶ Eu [inaudível]. Com a ligação que eu tinha com o movimento dos militares: sempre fui amigo do Cordeiro, do irmão dele - o Gustavo - e fui também chefe de polícia do Falconière... Falconière foi secretário de Segurança aqui. Eu era chefe de... tinha entrado na polícia aqui. Quer dizer, sempre tomei parte... Aí, criaram-se vários partidos, alguns de cunho getulista, como o Partido del Lavoro, que havia sido fundado pelo Valdomiro Lima. Valdomiro Lima era concunhado do Getúlio. Ele era da família da...

I.F. - D. Darci. Houve um período aqui em São Paulo em que foi formado aquele Governo dos Quarenta Dias.

A.C. - O Governo dos Quarenta Dias foi de 23 de maio até a revolução. Foi um movimento de rua em que foi criado um secretariado, que o Pedro de Toledo aceitou e nomeou.⁷

I.F. - Uma das coisas que me impressionam muito é que era um governo de oposição a Getúlio e fazia parte dele o dr. José Maria Whitaker, que depois foi convidado para o ministério do Getúlio e aceitou. Como é que São Paulo viu essa mudança?

A.C. - José Maria Whitaker era um banqueiro muito respeitado. Nunca foi político militante. Ele aceitou fazer parte, mas sua colaboração não tinha cunho político.

I.F. - O senhor acha que era em benefício de São Paulo?

A.C. - É. Em seu discurso de posse, ele declarou que estava ali não como político, mas mais para ajudar São Paulo no que pudesse. Depois, ele acompanhou Getúlio. Ficou getulista. Eu conversei com ele várias vezes depois e ele me falou que a salvação do Brasil tinha sido Getúlio Vargas. Se o Brasil tinha ordem, tinha progresso, tinha tudo, devia isso ao Getúlio. Ele mudou completamente, mas nunca foi político. No Partido Democrático, muitas vezes, fizemos... Ele e o Zé Carlos... O Zé Carlos Macedo Soares, em 24, tomou certas atitudes aqui em São Paulo e foi até envolvido em um inquérito. Mas era muito covarde. Quando ele chegou do exílio, nós fomos recebê-lo na estação do Norte, aqui, e o levamos até a sua casa. Ele não quis entrar no Partido Democrático, por uma porção de besteiras. Nunca tomou atitudes sérias.

I.F. - E depois de todos esses movimentos revolucionários, Getúlio acabou sendo eleito presidente em 34.

⁶ O Partido Democrático de São Paulo (PD) foi fundado em 24 de fevereiro de 1920 e foi extinto em 24 de fevereiro de 1934, quando foi fundado o Partido Constitucionalista de São Paulo.

⁷ O chamado Governo dos Quarenta Dias teve início em 24 de outubro de 1930, quando o general Hastínfilo de Moura assumiu provisoriamente o governo de São Paulo, organizando um secretariado integrado basicamente por elementos do PD. No dia 28 o general Hastínfilo abandonou a chefia do governo paulista, mas o secretariado permaneceu responsável pelo governo de São Paulo, cooperando com João Alberto Lins de Barros, que ficaria como delegado da revolução. Em 24 de novembro João Alberto foi nomeado interventor federal no estado, mantendo o secretariado. Em 3 de dezembro todo secretariado se demite em apoio a Vicente Rao, destituído da chefia de polícia. Encerrou-se assim, o governo dos Quarenta Dias.

A.C. - É. A primeira eleição do Getúlio foi pelo Congresso. Depois é que houve a Constituição de 36, quando ele foi eleito pelo sufrágio direto, não foi?

I.F. - Não. Depois, em 37, ele deu o golpe do Estado Novo e ficou até 45. Ele só foi eleito mesmo em 50.

A.C. - Isso mesmo.

I.F. - Em 37, ele deu o golpe do Estado Novo e ficou como interventor mesmo até 45, quando ele caiu. Como é que o senhor via Getúlio Vargas na política do Brasil?

A.C. - Eu era tido aqui como getulista. E, realmente, sempre defendi o Getúlio. Há uns jornais de Itu...

I.F. - Estão aqui.

A.C. - Você vê que a minha preocupação foi sempre com Getúlio. Eu nunca fui contra ele: nunca. Depois que ele se suicidou, me lançaram para deputado federal, mas, eu não aceitei, não me inscrevi. Uma das razões que havia contra mim era eu ser getulista. Eu soube que iria ter uma certa oposição e fiquei a tratar dos meus interesses. Minha fazenda era grande e eu vi que o meu futuro estava muito ligado a esse problema pessoal. Não aceitei.

I.F. - Além desses movimentos revolucionários de que o senhor sempre participou, o senhor tinha que administrar suas fazendas. Como é que o senhor arrumava tempo para isso?

A.C. - Antes de tudo, eu tinha um administrador muito bom. Era filho de italianos e muito sério. Sempre que eu podia, depois da colheita, eu viajava com minha senhora para a Europa. Mas gastei muito dinheiro em política, porque eu tinha entrado na oposição e a oposição não tinha nada. Quem pagava o aluguel do prédio e os empregados do Partido Democrático de toda a redondeza de Itu era eu, pessoalmente.

A minha fazenda hoje é um grande hotel.

I.F. - Ah, é? O senhor vendeu a fazenda?

A.C. - Eu vendi em 62.

I.F. - Ela foi transformada em um hotel.

A.C. - É.

I.F. - E depois, quando acalmou a situação de revolução de 32, o senhor teve algum cargo ligado ao governo?

A.C. - Fui nomeado, em caráter efetivo, diretor-geral da Fazenda do estado, cargo que conservei até me aposentar.

I.F. - Em que ano o senhor foi nomeado?

A.C. - Foi em... 58. Antes, tinha sido por quatro vezes delegado da ordem política aqui em São Paulo e cheguei a secretário também da Segurança Pública. No tempo do Daltro, como eu era

oficial da reserva também, ele me registrou chefe da 3ª Seção do Estado-Maior, que era [inaudível] investigação. Depois, ele me levou para o Sul.

I.F. - Só um minutinho.

[FINAL DA FITA 2-A]⁸

I.F. - O senhor me disse que foi nomeado para a Fazenda em 58. Quem o nomeou?

A.C. - Foi no governo do Daltro Filho, quando ele era comandante da II Região Militar.⁹ O pessoal do Estado de São Paulo fez uma oposição acirrada ao Getúlio. O Júlio Mesquita, que era o diretor do jornal, teve com Getúlio no Rio. O Getúlio fez um acordo com o Júlio Mesquita para nomear um civil e paulista para apaziguar São Paulo. O Júlio Mesquita levou o nome de Armando Sales de Oliveira, que era casado com uma irmã do Júlio Mesquita. O comandante da II Região Militar era o Daltro Filho.

I.F. - Em 37, o Armando de Sales Oliveira foi candidato a presidência da República, disputando contra o José Américo.

A.C. - Exatamente, mas isso foi muito depois.

I.F. - Foi em 37. E o senhor ficou na Secretaria da Fazenda até se aposentar. Quando o senhor se aposentou?

A.C. - Em 68.

I.F. - E o que o senhor fazia lá, especificamente?

A.C. - Eu... Foi organizado um grande concurso aqui em São Paulo, Carona da Fortuna. Quem organizou fui eu. Eu era presidente de lá. Eu alterei completamente a fiscalização e organizei uma porção de serviços. Eu era getulista e não gostava mesmo do Ademar de Barros. Combatia Ademar de Barros. Contribuí muito para a queda do Ademar de Barros porque fui indispor aquele pessoal todo que eu conhecia do Exército - Cordeiro, tudo isso - contra o Ademar. Mas ele sempre me respeitou muito. Na Secretaria, não mexia em nada sem falar comigo.

I.F. - O senhor acha que todos esses movimentos revolucionários de que o senhor participou trouxeram benefícios para o Brasil? Se o senhor tivesse que começar de novo, começaria tudo igualzinho?

A.C. - Eu acho que fazia até pior ainda. [risos] Na política de Washington Luís - política estreita, sem horizonte, só fraude eleitoral - não adiantava eleição, porque era tudo a bico de pena.

I.F. - O senhor era filho único do primeiro casamento do seu pai?

A.C. - Não. Tinha uma irmã.

⁸ A fita 2-B não foi gravada inteiramente.

⁹ O general Manuel de Cerqueira Daltro Filho tornou-se comandante da II Região Militar em janeiro de 1933, quando Valdomiro Lima foi nomeado interventor federal em São Paulo. Com a renúncia de Valdomiro Lima em 27 de julho de 1933, o general Daltro assume a interventoria, em caráter interino. Em 21 de agosto de 1933 Daltro Filho transmitiu a interventoria ao paulista Armando de Sales Oliveira voltando às funções de comandante da II R.M. onde permaneceu até maio de 1934.

I.F. - Ah, o senhor tem uma irmã também.

A.C. - Minha irmã morreu. Quando meu pai casou, em segundas núpcias, com a mãe do...

I.F. - do embaixador Pio.

A.C. - É.

I.F. - E o embaixador é filho único do segundo casamento ou tem outros irmãos?

A.C. - Não. Ele é filho único.

I.F. - O senhor, então, é Ângelo Pio Mendes Correia. O senhor abandonou o Almeida, do Mendes de Almeida?

A.C. - Nunca usei. Já fui registrado como Ângelo Pio Mendes Correia.

I.F. - Quer dizer que o senhor tem parentesco com o bispo d. Luciano Mendes de Almeida. O senhor o conhece?

A.C. - Luciano é do ramo...

I.F. - Do Maranhão.

A.C. - ...do Maranhão, do Norte.

I.F. - Mas são aparentados? O senhor o conhece?

A.C. - Somos aparentados. Ele é meu primo em terceiro ou quarto grau. Eu o conheço.

I.F. - Ele trabalhou muito aqui em São Paulo, não foi?

A.C. - Foi.

I.F. - Esteve muito tempo aqui em São Paulo.

A.C. - Os Mendes de Almeida aqui em São Paulo são todos advogados. Na minha geração surgiram 42 advogados. Não havia nenhum médico, nenhum engenheiro, nada.

I.F. - Era uma geração de muitos advogados, não era?

A.C. - Era.

I.F. - E o senhor chegou a terminar a Faculdade de Direito?

A.C. - Cheguei, em Minas.

I.F. - Mas nunca exerceu a profissão de advogado.

A.C. - Não. Eu...

I.F. - Era revolucionário e fazendeiro.

A.C. - Sim. Consegui revalidar um diploma que eu tinha do terceiro ano, no Rio de Janeiro. Foi até o Capanema quem se incumbiu disso. Formei-me depois. Tirei o quarto e o quinto ano lá em Belo Horizonte.

I.F. - Está ótimo, dr. Ângelo. Tenho que agradecer muito, em nome do CPDOC, pelas ótimas informações que o senhor nos prestou.

[FINAL DO DEPOIMENTO]